

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

**A CONSTRUÇÃO NAVAL DE EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS DO ESTUÁRIO DO TEJO,
CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO DE UM PATRIMÓNIO DE SABERES**

Autor:

Rui Garcia

Presidente da Câmara Municipal da Moita

Sinopse:

A construção naval tradicional em madeira e os saberes associados, a carpintaria naval, constituem um património comum que requer salvaguarda e valorização, face ao progressivo desaparecimento de estaleiros tradicionais e dos velhos mestres de carpintaria de ribeira. No Estuário do Tejo a emergência de salvaguarda reveste-se de especial acuidade porquanto já só resta um estaleiro a laborar na construção e manutenção das embarcações típicas do Tejo: O Estaleiro Naval de Sarilhos Pequenos. Importa, por isso, não só preservar o conhecimento próprio daquela arte, mas, de igual modo, e para que subsista no futuro, desenvolver um processo de reconhecimento dos seus saberes, através dos mecanismos de salvaguarda que a UNESCO proporciona.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

800 ANOS DE CONSTRUÇÃO NAVAL EM SESIMBRA: DO RISCO AO MUSEU MARÍTIMO

Autora:

Andreia Filipa Conceição

Licenciada em Arqueologia e História, mestranda em Histórica da Náutica e Arqueologia Naval, exerce, desde março de 2005, funções na Camara Municipal de Sesimbra. Em 2010, assumiu a gestão do Castelo de Sesimbra, sendo, desde novembro de 2018, coordenadora do Museu Marítimo.

Sinopse:

Desde tempos imemoriais que a construção naval é uma das artes mais emblemáticas da região de Sesimbra. Possuindo uma costa amplamente navegada por fenícios, romanos ou muçulmanos, a vila é rodeada por densas florestas e matagais, que propiciaram as condições para o florescimento desta atividade, aperfeiçoada ao longo dos séculos.

Através da construção de caravelas, naus, barcas, aiolas, ou traineiras, os carpinteiros de machado e os calafates sesimbrenses criaram um legado impar que constitui, hoje, parte integrante do Museu Marítimo.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

PROJETO “VILA DO CONDE – UM PORTO PARA O MUNDO”

Autora:

Ivone Teixeira

Coordenadora do Museu de Vila do Conde.

Sinopse:

Vila do Conde foi uma notável escola de marinharia, onde figuravam homens experimentados na arte de navegar, versados em cosmografia e ciências afins, que nos legaram notáveis tratados náuticos, valiosos roteiros e cartas de marear, ainda hoje estudados e consultados. Paralelamente a este conhecimento da arte de navegar, os homens de Vila do Conde constroem, há mais de 10 séculos, barcos de madeira, nos quais se aventuraram nos oceanos, participando ativamente na empresa da Expansão Marítima.

Consciente da conjuntura atual vivida no setor da indústria naval de madeira, a autarquia vilacondense pretende afirmar uma identidade que se quer viva na participação do futuro de Vila do Conde e na construção do imaginário nacional, tendo proposto através do projeto “Vila do Conde: um porto para o Mundo” a submissão da inscrição das Técnicas da Construção e Reparação Naval de Madeira no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, como medida de salvaguarda urgente. Desta forma, esperamos poder ajudar a travar o declínio desta atividade ainda tão importante e tão identitária de Vila do Conde, assumindo as ações de salvaguarda e valorização como fundamentais no compromisso entre o Município, os Estaleiros de Construção Naval de Azurara e Poça da Barca e a comunidade vilacondense.

Os estaleiros navais de Vila do Conde atingiram grande protagonismo durante o período dos Descobrimentos, o qual só voltaram a recuperar com a construção de novas embarcações destinadas à pesca de longo curso e à Pesca Artesanal Costeira, entre os séculos XIX e XX. Atualmente, a continuidade dos estaleiros navais vilacondenses está assegurada através da reparação de traineiras e de réplicas históricas, como naus, caravelas, fragatas e barcos rabelos.

Em Vila do Conde, permanecem em atividade quatro grupos empresariais ligados à indústria de construção naval de madeira: BARRETO & FILHOS, LDA., IRMÃOS VIANA, LDA., SAMUEL & FILHOS, LDA. e SICNAVE, LDA. O projeto “Vila do Conde: um porto para o Mundo” pretende promover a proteção deste saber-fazer ancestral, que se encontra nas mãos dos vilacondenses, garantindo, desta forma, a sua continuidade às gerações vindouras.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

A CONSTRUÇÃO NAVAL TRADICIONAL EM MADEIRA E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL NO MUNICÍPIO DE ESTARREJA

Autora:

Isabel Simões Pinto

Vereadora da Cultura, Eventos, Ação Social e Inclusão, Turismo e Comunicação da Câmara Municipal de Estarreja.

Sinopse:

O início da construção naval no Concelho de Estarreja, nomeadamente em Pardilhó, remonta a tempos longínquos, ainda no decorrer do século XIX, quando começaram a nascer as indústrias de pesca e da construção naval. Ao longo da Ria foram surgindo rudimentares instalações dedicadas à construção de vários tipos de embarcações. Com estaleiros ativos em Pardilhó, a fama dos carpinteiros navais e calafates atravessou fronteiras, devido ao engenho e destreza dos mestres. Este mérito dos construtores navais e a abundância da mão-de-obra especializada justificou a fixação em Pardilhó, em março de 1937, da delegação distrital dos Sindicatos dos Operários da Construção Naval. A arte da construção naval prosseguiu em Pardilhó, de geração em geração, com a instrução dos velhos mestres e os estaleiros a escola dos novos aprendizes. Apesar do declínio natural dos tempos, a atividade da construção naval em madeira, seguindo moldes tradicionais, permanece ainda hoje nos estaleiros da freguesia de Pardilhó, perpetuando, desta forma, uma identidade que atravessou séculos. Sobreviventes dos tempos áureos das embarcações em madeira, regulados pelo “pau de pontos” e pela arte, conservam um património material, imaterial e cultural que urge preservar e proteger para memória futura.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

ESTALEIRO-MUSEU DA PRAIA DO MONTE BRANCO: PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DAS ARTES DE CONSTRUÇÃO DE EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS NO CORAÇÃO DA RIA DE AVEIRO

Autor:

Januário Vieira Cunha

Nasceu na freguesia do Monte, Concelho da Murtosa, em 22 de janeiro de 1976.

Em 2000, licenciou-se em Engenharia Eletrónica e Telecomunicações, pela Universidade de Aveiro.

De 2000 a 2005, foi colaborador de empresas da área das telecomunicações, em Lisboa.

Exerce o cargo de vereador, em regime de permanência, da Câmara Municipal da Murtosa, desde dezembro de 2005, sendo vice-presidente da câmara desde janeiro de 2012.

Responsável pela área cultural do Município da Murtosa, coordena um conjunto de espaços que exaltam a matriz identitária da Murtosa, como a COMUR-Museu Municipal da Murtosa, o Estaleiro-Museu da Praia do Monte Branco, a Oficina de Artes da Murtosa e a Casa das Gerações, entre outros.

Sinopse:

Num tempo em que a Ria de Aveiro era a principal via de comunicação entre os diferentes territórios ribeirinhos, a localização geográfica do Município da Murtosa, em pleno coração da laguna, tornou-o numa das principais plataformas comerciais, logísticas e sociais da região.

Por água, tudo partia e chegava. Pessoas, produtos alimentares, materiais de construção, junco, moliço...

Não espanta, por isso, que na Murtosa encontremos, ainda hoje, a maior densidade de cais e ancoradouros da Ria de Aveiro. Associado a este intenso tráfego aquático estavam, naturalmente, as embarcações tradicionais da ria: os moliceiros, os mercantéis, os chinchorros, entre muitas outras.

O desenvolvimento das grandes vias terrestres, principalmente a partir de meados do século passado, teve como consequência o abandono do comércio por água e, naturalmente, motivou o declínio das embarcações tradicionais, que só não se extinguiram completamente graças à teimosia de um punhado de homens que ousaram manter os seus barcos e, mais recentemente, à sua procura para a atividade marítimo-turística.

Ciente da importância das embarcações tradicionais na matriz identitária de um território que tem por epíteto "Coração da Ria, Pátria do Moliceiro", aproveitando o saber-fazer ainda existente, o Município da Murtosa criou, em 2009, o Estaleiro-Museu da Praia do Monte Branco, com a pretensão de fazer dele um verdadeiro "museu vivo" das artes tradicionais de construção naval, aliando a componente de divulgação e interpretação à visualização, ao vivo, do trabalho de construção e reparação dos barcos.

Mais do que um espaço que fala do passado, o Estaleiro-Museu da Praia do Monte Branco é um recurso procurado, cada vez mais, como serviço de construção e reparação, pelos donos de embarcações, num período em que, graças ao turismo, o interesse pelos barcos tradicionais tem vindo a crescer e com ele a esperança na preservação deste património lagunar extraordinário.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

DO RISCO À CONSTRUÇÃO – TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO NAVAL TRADICIONAL. A IMPORTÂNCIA DA “SALA DO RISCO”, GALIVAR E EMBARAÇAMENTO DAS BALIZAS

Autor:

António José Ferraz do Carmo.

Nasceu em 1958 em Vila do Conde, no seio de uma das mais tradicionais famílias de construtores navais, a família Samuel. Já com conhecimentos em desenho técnico, começa em 1978 a tomar contacto com o desenho de construção naval. Em 1981, assume a responsabilidade técnica dos projetos de construção, função que desempenhou até 2006, altura em que deixa os estaleiros, dedicando-se a outras atividades. No início de 2016 é convidado pela Câmara de Vila do Conde para fazer parte da equipa que terá como objetivo a salvaguarda e registo da construção naval em madeira, tão identitária da nossa cidade.

Sinopse:

Desde o final do século XVI, que sabemos por Fernando de Oliveira e por João de Lavanha, que se riscavam no chão as principais peças do navio. Este processo, passo-chave para uma perfeita e fácil construção, evoluiu até ao princípio do século XX, sendo ainda utilizada até há bem poucos anos usada pelos últimos conhecedores. Designada no final do século XIX, por “sala do risco”, a sua principal função é a execução dos moldes, a que chamamos fôrmas, que galivarão as madeiras da roda de proa, cadaste e todas as balizas. Se a “sala do risco” e as suas fôrmas forem bem feitas, toda a construção será perfeita, mais fácil e mais rápida com consequente redução de mão-de-obra na produção.

O uso de uma única fôrma, a “grade”, contendo o “risco” de todas as balizas, embora se conheça o seu uso há cerca de 100 anos em diversos estaleiros do país, hoje apenas em Vila do Conde, local onde se crê tenha atingido o máximo da evolução, existe a possibilidade do seu uso, e apenas pela mão de escassas 3 pessoas. Dada a importância que se reveste a conservação deste importante conhecimento que é a construção naval em madeira, um dos alicerces maiores da nossa maritimidade, da nossa identidade, a Câmara de Vila do Conde tomou a iniciativa de desenvolver um conjunto de ações no sentido da sua preservação. Entre elas, fez o pedido de inventariação no património imaterial Nacional, e está neste momento a preparar também o processo para a inscrição na UNESCO.

Trabalhos realizados:

Mais de 70 projetos e construções de embarcações em madeira, 7 de alumínio e 2 em aço para a pesca costeira. 4 Projetos de embarcações de madeira, mencionados por inovação, nas Jornadas Técnicas de Engenharia Naval- 1990.

Participação direta na execução das “salas do risco”, dos moldes e construção das réplicas das caravelas “bartolomeu Dias” que, em 1988, reconstituiu a viagem do navegador português até Mossel Bay- África do Sul, “Boa Esperança”, em 1990 e “Vera Cruz” em 2000.

Participação direta na execução da “sala do risco”, dos moldes e construção da nau “Vila do Conde”, réplica de uma nau de 11 rumos do século XVI.

Execução do desenho geométrico, “sala do risco” moldes, bem como participação na construção de uma réplica da “Nau do Trato”, maior nau portuguesa que fazia a ligação entre a Índia e o Japão, à escala de 1/10, que figura no Centro Cultural de Macau em Lisboa.

Participação por convite da For Sea Discovery, na investigação do barco achado na praia do Belinho-Esposende.

Elaboração de um Glossário de termos usados pelos estaleiros de Vila do Conde, inserido no processo de registo das “Técnicas de Construção e Reparação Naval em Madeira de Vila do Conde” no Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial.

Participação na execução do processo técnico de inventariação das “Técnicas de Construção e Reparação Naval em Madeira de Vila do Conde” no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

Trabalho apresentado no 1º congresso Internacional sobre construção naval em madeira, com o título, “Técnicas de Construção Naval em Madeira nos Estaleiros de Vila do Conde”, Construção Naval em Madeira-Arte, Técnica e Património. Atas do Congresso Internacional, 23-25 de maio / 2016, edição de Câmara Municipal de Vila do Conde, Vila do Conde, 2018.

Execução da “sala do risco” à escala real da “motora de Vila do Conde”, instalada na “casa do barco”, no núcleo museológico de construção naval em Vila do Conde.

Autoria de um artigo sobre as técnicas da “sala do risco, o galivar e embaraçamento das balizas dos navios de madeira”, inserido no livro “OS ÚLTIMOS TERRANOVAS PORTUGUESES” de autoria e edição do eng. Senos da Fonseca, (Fonseca, Senos da, “OS ÚLTIMOS TERRANOVAS PORTUGUESES”, pp.173-194 ed. de Senos da Fonseca, Ílhavo, 2019).

Artigo sobre a sala do risco, galivar e contralinhar das balizas, intitulado WOODEN SHIPBUILDING TECHNIQUES AT VILA DO CONDE’S SHIPYARDS, pp.87-113, publicado em: DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-09-1/shi> edição CITCEM, Porto, dezembro de 2018.

No prelo um amplo estudo técnico-prático sobre a nau de 18 rumos descrita por Fernando de Oliveira, considerações acerca da sua arquitetura, da sua génese com tradução para desenho representando o seu plano geométrico à luz do conhecimento da engenharia naval na atualidade. Este trabalho será inserido na 4ª transcrição do LIVRO DA FÁBRICA DAS NAOS, que será coordenado pelos profs. Francisco Contente Domingues e Filipe Vieira de Castro. Será editado em 2020, em data ainda por designar, e a edição será conjunta da Câmara de Vila do Conde, Universidade Aberta, Cátedra Infante D. Henrique, e patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Em preparação uma ampla edição descrita e desenhada, descrevendo a totalidade dos processos construtivos práticos aplicados na construção naval em madeira em Vila do Conde, desde a sala do risco até aos acabamentos.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

A CARPINTERIA DE RIBEIRA EN GALICIA, BEN DE INTERÉS CULTURAL INMATERIAL (B.I.C.I.)

Autor:

Gerardo Triñanes

CULTURMAR Federacion Pola Cultura Maritima e Fluvial

AGALCARI Asociación Galega de Carpinteria de Ribeira

Gerardo Triñanes é Mestre Carpinteiro de Ribeira, gerente de "ASTELEIROS TRIÑANES" (estaleiro finalista nos premios nacionais de artesanía); fundador de AGALCARI Asociación Galega de Carpintería de Ribeira e membro de CULTURMAR.

É autor de vários artigos publicados em revistas especializadas do sector, coautor do libro "Gamela de Cabo de Cruz" e autor do livro "O SANCOSMEIRO, un merecido lugar na historia das embarcacións tradicionais Galegas, recuperando e documentando a súas formas".

Sinopse:

O património marítimo flutuante Galego, a protección e reconhecimento desse património.

A declaração BIC. (conteúdo e relevância).

A dicotomía entre vertente cultural e vertente lucrativa (sentido productivo e comercial).

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

**RECUPERACIÓN DEL PATRIMONIO MARÍTIMO VASCO: CONSTRUCCIÓN DEL SAN JUAN,
UN GALEÓN BALLENERO DEL S. XVI**

Autor:

Xabier Agote

Presidente de ALBAOLA

Sinopse:

La reconstrucción de la nao San Juan nos permite recuperar el conocimiento perdido de la construcción naval en el siglo XVI, al mismo tiempo que nos da la oportunidad de crear un proyecto de divulgación del patrimonio que es ya una referencia a nivel mundial.

A reconstrução da nau San Juan permite-nos recuperar o conhecimento perdido da construçãõ naval no século XVI, ao mesmo tempo que nos dá a oportunidade de criar um projecto de divulgaçãõ do património que é já uma referênciã a nível mundial.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BASES ICONOGRÁFICAS DAS EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS DO TEJO

Autor:

Carlos Mateus de Carvalho

Licenciado em Arquitectura (ESBAL), interessa-se desde longa data pelas embarcações tradicionais e primitivas.

Aprofundou os conhecimentos principalmente através da convivência com Octávio Lixa Filgueiras.

Desde os anos oitenta do século passado que se dedica à recolha, compilação e estudo destas temáticas, principalmente nos aspectos construtivos.

Ultima uma obra fundamentalmente gráfica sobre as nossas embarcações tradicionais, a editar brevemente.

Sinopse:

O Autor pretende dar uma panorâmica geral das tipologias mais importantes do rio Tejo.

São apresentadas as bases documentais de desenho que se podem considerar credíveis e de maior rigor relativo às Épocas tratadas.

Iniciam-se no século XVII e vêm até aos nossos dias, com especial relevo para Manuel Fernandes, João de Sousa, Pinto Basto, Manuel Leitão, entre outros.

Em modo de conclusão mostra-se uma parte de um trabalho mais vasto a publicar, o Atlas das Embarcações Tradicionais Portuguesas, reunindo as tipologias taganas que ainda era possível observar no início do século XX, e das quais algumas ainda navegam.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

A CONSTRUÇÃO DE MINIATURAS E MODELOS DE EMBARCAÇÕES DO ESTUÁRIO DO TEJO NO ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL

Autora:

Adelina Domingues.

Adelina Gomes Domingues é doutoranda em Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, integrada no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) no grupo Desafios Ambientais, Sustentabilidade e Etnografia. Mestre em Museologia e Património e licenciada em Antropologia na mesma faculdade. É técnica superior no Ecomuseu / Câmara Municipal do Seixal onde tem desempenhado funções de investigação, estudo e documentação de património associado a diversas atividades humanas. Atualmente é responsável pela área de estudos e investigação sobre património flúvio-marítimo e, em articulação com estas funções, cabe-lhe a gestão de uma unidade museológica (Núcleo Naval). Anteriormente colaborou com o Museu Municipal de Sesimbra onde realizou pesquisas sobre os pescadores locais, estudos sobre as técnicas da pesca e da moagem e inventário e documentação da coleção associada às artes de pesca de Sesimbra.

Sinopse:

Nesta comunicação procuramos refletir sobre o valor patrimonial das miniaturas e modelos de barcos do estuário do Tejo construídos no âmbito das atividades do Ecomuseu Municipal do Seixal. Será dado enfoque aos processos de execução e de conservação desta coleção, baseados na colaboração, experiências e saberes-fazer de carpinteiros de machado, de pintores de embarcações, de pescadores e de outros marítimos, em articulação com a comunicação junto dos públicos e a utilização destes objetos enquanto acervo museal.

Os processos associados à sua construção, com aplicação de tipologias e técnicas diversificadas na representação de embarcações em tamanho reduzido, conferem valor patrimonial (imaterial e material) a esta coleção que representa e testemunha memórias, vivências, saberes-fazer e técnicas artesanais, ligados à construção naval artesanal em madeira e à navegação do estuário do Tejo, bem como, às funções (transporte e pesca) em que as populações ribeirinhas as utilizaram.

IV ENCONTRO DE CULTURAS RIBEIRINHAS

Comunicação:

MARINHA DO TEJO – PATRIMÓNIO VIVO SOBRE O RIO

Autor:

João Romba

Presidente da Marinha do Tejo

Sinopse:

As embarcações típicas do Tejo constituem a expressão indelével de séculos de história de navegação no grande mar do Tejo e rio acima, sedimentada ao longo de gerações de carpinteiros e calafates, de marítimos e fragateiros, que construíram e navegaram em fragatas, varinos, canoas, catraios, e tantas outras embarcações do Tejo, algumas delas já extintas. A criação e a instituição da Marinha do Tejo com Pólo Vivo do Museu de Marinha manifestam expressamente essa relação com o rio, mas, também, com a cultura de mar que sempre se evidenciou como componente destacável na identidade nacional do Povo das Descobertas. A Marinha do Tejo congrega a maior parte dos proprietários e arrais das embarcações típicas do Estuário do Tejo, com um plano de atividades onde se incluem regatas de embarcações típicas, cruzeiros, colóquios, exposições, entre outros, sublinhando o regresso de uma cultura viva ao nosso Tejo.